

O Método em Marx e a Pesquisa Social

Method in Marx and Social Research

Francisco dos Santos Neto¹

Reinaldo Nobre Pontes²

Sónia Mafalda Pereira Ribeiro³

DOI: https://doi.org/10.60543/ts_iss.vi10.10805

Recebido: 24 de novembro de 2025

Revisto: 22 de dezembro de 2025

Aceite: 29 de abril de 2026

Publicado: 31 de julho de 2026

Resumo⁴

Este ensaio é parte das atividades avaliativas da disciplina “Serviço Social: Fundamentos Teórico-Metodológicos e Intervenção na Realidade - Debate Contemporâneo”, ofertada por um Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Norte do Brasil. Tem como objeto de estudo o método em Marx, compreendido no âmbito do materialismo histórico-dialético, com o objetivo de discutir sua centralidade na pesquisa social e, particularmente, na pesquisa em Serviço Social, destacando categorias e pressupostos fundamentais. Metodologicamente, trata-se de um ensaio teórico de natureza crítico-dialética, fundamentado em revisão bibliográfica teórico-crítica, com ênfase em obras clássicas de Karl Marx e de autores da tradição marxiana. Como principal contribuição teórica, o trabalho reafirma a centralidade do método crítico-dialético na produção do conhecimento social, evidenciando sua concepção de totalidade e o critério de verdade fundado na unidade entre teoria e prática, enquanto mediações essenciais para uma perspectiva de análise comprometida com o caráter emancipatório da teoria.

Palavras-chave: Método em Marx. Materialismo histórico-dialético. Pesquisa Social. Unidade entre teoria e prática.

Abstract

This essay is part of the assessment activities of the course “*Social Work: Theoretical-Methodological Foundations and Intervention in Reality – Contemporary Debate*”, offered by a Graduate Program in Social Work in northern Brazil. Its object of study is the method in Marx, understood within the framework of historical-dialectical materialism, aiming to discuss its centrality in social research and, particularly, in Social Work research, highlighting fundamental categories and theoretical assumptions. Methodologically, this is a theoretical essay of a critical-dialectical nature, based on a theoretical-critical bibliographic review, emphasizing classical works by Karl Marx and authors from the Marxian tradition. As its main theoretical contribution, the article reaffirms the centrality of the critical-dialectical method in the production of social knowledge, emphasizing its conception of totality and the criterion of truth grounded in the unity between theory and practice, as essential mediations for an analytical perspective committed to the emancipatory character of theory.

Keywords: Method in Marx. Historical-Dialectical Materialism. Social Research. Unity between Theory and Practice.

¹ Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) | Belém do Pará, Brasil | <http://orcid.org/0000-0001-7389-0305> | francisco.neto2013@hotmail.com

² | Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) | Belém do Pará, Brasil | <https://orcid.org/0000-0002-1371-450X> | rpontes@ufpa.br

³ Instituto Superior Miguel Torga | Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS) | Coimbra, Portugal | <https://orcid.org/0000-0003-3404-467X> | soniaribeiro@ismt.pt

⁴ **Nota editorial:** Este artigo encontra-se redigido em português do Brasil, tendo sido mantida a variante linguística adotada pelos autores.

Introdução

O debate acerca do método é central no pensamento marxiano, especialmente no que se refere à análise das múltiplas e complexas determinações da realidade social. Na área do Serviço Social, essa discussão adquire particular relevância, uma vez que o projeto ético-político da profissão⁵ se ancora em uma perspectiva crítica da totalidade social e da emancipação humana, o que exige rigor teórico-metodológico capaz de apreender as mediações constitutivas da sociabilidade burguesa e suas expressões concretas nas diversas formas da questão social.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho configura-se como um estudo bibliográfico de natureza crítico-dialética. A opção metodológica orienta-se pela centralidade do método materialista histórico-dialético como fundamento da pesquisa social, compreendendo-o para além de um instrumental técnico de pesquisa, mas como uma concepção ontológica do ser social e do conhecimento. Trata-se, portanto, de um estudo de natureza não empírica, voltado à análise conceitual e teórica do método em Marx, com vistas a evidenciar sua atualidade, coerência interna e potência explicativa para a compreensão da realidade social.

No que concerne à delimitação do corpus teórico, os autores optaram por estabelecer um diálogo prioritário com a própria tradição marxiana, recorrendo diretamente às obras clássicas de Marx e Engels. Essa escolha justifica-se pela necessidade de apreender o método em sua formulação original, evitando leituras que deslocam o pensamento marxiano de seus fundamentos ontológicos. Entende-se que o retorno às fontes originais permite captar o método como movimento do real, fundado nas categorias de totalidade, historicidade, contradição e mediação, bem como no critério de verdade compreendido como unidade entre teoria e prática.

Essa opção teórica, contudo, não implicou o afastamento do debate com autores contemporâneos que, a partir de diferentes concepções, dialogam criticamente com o legado marxista e contribuem para sua atualização teórica. Nesse sentido, o ensaio incorpora reflexões de Chauí (2000), ao discutir fundamentos filosóficos do conhecimento; de Coutinho (2010), na crítica às racionalidades estruturalistas e ao empobrecimento da

⁵ Ressalta-se que o termo empregado se refere à concepção construída no contexto brasileiro acerca do Projeto Ético-Político do Serviço Social. Conforme assinala Netto (1999), esse projeto “tem em seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor ético central, compreendida historicamente como a possibilidade concreta de escolha entre alternativas reais. Tal concepção implica um compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais, vinculando o projeto profissional a um projeto societário orientado para a construção de uma nova ordem social, livre de dominação e exploração de classe, etnia e gênero” (pp. 104-105)

razão; de Ferreira e Santana (2018), ao abordarem a dialética entre conhecimento e transformação do mundo; de Harvey (2008), na análise das determinações do neoliberalismo; de Pontes (1999), no debate sobre a categoria de mediação no Serviço Social; e de Prates (2012), ao tratar da relevância do método marxiano na pesquisa social contemporânea. Esse diálogo contribui para reafirmar a atualidade do método crítico-dialético frente aos desafios do tempo presente.

Dessa forma, compreender o lugar do método na pesquisa social não se reduz a uma escolha procedimental, mas expressa uma posição axiológica, ontológica e epistemológica acerca do modo como se conhece e se intervém na realidade concreta. Assim, o texto estrutura-se em três eixos analíticos: inicialmente, abordam-se os aspectos axiológicos, epistemológicos e ontológicos do método, evidenciando suas mediações na concepção marxiana da realidade; em seguida, discutem-se as categorias fundamentais do método, totalidade, historicidade, contradição e mediação, enquanto categorias teóricas capazes de apreender o movimento real da sociedade; por fim, examina-se o critério de verdade, compreendido como unidade indissociável entre teoria e prática.

1. Aspectos Axiológico, epistemológico e ontológico do método

No processo de pesquisa social, o método deve ocupar lugar de centralidade, sendo certamente o ponto de partida, pois é a partir dele que se definem os caminhos e procedimentos metodológicos, além de expressar os valores da pesquisa. Na perspectiva de Prates (2012), a escolha do método pressupõe valores e, desse ponto de vista, o lugar do método na pesquisa social é determinado por aspectos axiológicos, epistemológicos e ontológicos.

No que se refere ao aspecto axiológico da teoria social marxiana (relativo aos valores), pode-se afirmar que estes não partem de uma perspectiva de neutralidade; pelo contrário, reconhece-se a existência de posições na produção do conhecimento. Ademais, do ponto de vista do método em Marx, exige-se que esses valores estejam balizados num projeto de emancipação humana, pois, na posição marxiana, “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras, o que importa é transformá-lo” (Marx, 1991, p. 11).

Isso significa que o pesquisador deve assumir uma posição teórico-metodológica e ético-política consciente e orientada. No caso do Serviço Social, essa dimensão manifesta-

se na defesa do Projeto Ético-Político da profissão (Netto, 1999), comprometida com a ruptura da sociedade burguesa.

Ainda sob o aporte de Prates (2012), há um aspecto epistemológico na pesquisa social fundada na teoria marxiana que precisa ser evidenciado: o modo como se pretende chegar ao conhecimento. Parte-se da concepção de que o conhecimento não é dado de forma neutra, mas sim mediado por valores como a liberdade, pressuposto da emancipação humana, e pela ética, compreendida como a possibilidade de se fazer escolhas concretas entre alternativas concretas, assim como por categorias teóricas como o trabalho (entendido como categoria fundante, essencial e eterna do ser social) e a mediação pela qual o ser humano genérico transforma a natureza para a satisfação de suas necessidades, e a si mesmo, num intercâmbio mediado pela capacidade de razão e teleologia.

Parte-se da concepção de que, do ponto de vista epistemológico, o método marxiano rompe com a tradicional separação entre sujeito e objeto do conhecimento. A apreensão da realidade, nesse sentido, não se dá por meio da simples observação empírica, nem pela abstração formal. Em síntese, Marx rompe com os fundamentos do racionalismo, empirismo e criticismo característicos de parte de seus contemporâneos, os filósofos modernos.

É possível perceber esse contraste com o racionalismo, por exemplo, em René Descartes, cujos pensamentos estão presentes na obra *Discurso do Método* (1637); em Baruch de Spinoza, com seus escritos *Tratado Teológico-Político* (1670) e *Tratado da Reforma do Entendimento* (1662); e em Friedrich Hegel, especialmente nas obras *Fenomenologia do Espírito* (1807) e *Ciência da Lógica* (1812), tal como nos afirma o próprio Marx:

Meu método dialético não é apenas diferente do hegeliano, é o seu oposto. Para Hegel, o processo do pensamento, que ele converte inclusive em sujeito com vida própria sob o nome de ‘ideia’, é o criador do real, e este não é senão a forma exterior da ideia. Comigo, pelo contrário, o ideal não é senão o material transposto e traduzido na cabeça do homem (Marx, 2013, p. 671).

Na medida em que Marx rompe com o empirismo, ele tensiona uma concepção de teoria que se limita à superfície dos fenômenos, à aparência imediata das coisas. Para o empirismo clássico, como o de Francis Bacon na obra *Novum Organum* (1620) e/ou David

Hume na obra *Tratado da Natureza Humana* (1739), todo conhecimento deriva exclusivamente da experiência sensível, isto é, da observação dos fatos, mensuração e descrição da realidade tal como ela se apresenta aos sentidos. Nessa lógica, a ciência torna-se, então, um espelho passivo da realidade.

Marx rejeita esse espelhamento, rompendo com o empirismo, pois este, assim como o racionalismo, é uma forma de conhecimento que se restringe à aparência fenomênica. Ele não desconsidera a importância da experiência empírica, dada a sua importância para a compreensão da totalidade concreta das relações sociais. Desse ponto de vista, a oposição se forja em face de uma ciência que se contenta com a descrição das coisas em si mesmas, sem uma mediação com as determinações históricas, movimento este que só pode ser alcançado com o uso da razão. A realidade, para Marx, precisa ser decomposta em sua estrutura e dinâmica, as quais devem ser compreendidas em suas contradições endógenas e exógenas.

Defende-se que a ruptura epistemológica marxiana é ética e política, pois recusa a neutralidade, apostando em um conhecimento voltado para a transformação social e não apenas contemplativo. Essa perspectiva é profundamente desafiadora, pois exige que o pesquisador se desloque do lugar seguro da observação distanciada para assumir uma posição ativa e crítica. Não se trata apenas de apreender o mundo como ele está dado, mas de compreender o conjunto de determinações que o conformam, assim como em que medida pode deixar de sê-lo em um movimento de devir.

Essas breves considerações expõem a necessidade de um método que revele a essência, estrutura e dinâmica do objeto de estudo, que não se limite a descrever o mundo, mas o compreenda em sua totalidade concreta. Observa-se que, ao mesmo tempo em que a abordagem empirista teve significativa importância no contexto da ascensão da modernidade no século XV, com o objectivo de superação da ordem feudal⁶, essa abordagem mostrava-se limitada ao contrapor a pertinência da razão humana como elemento heurístico-chave para a interpretação do mundo.

Logo, na razão dialética fundada por Marx há uma crítica a essa postura, uma vez que, no campo das relações sociais, a aparência oculta a essência. Tomemos por exemplo, Marx teoriza acerca da troca de mercadorias, a qual, na aparência, até pode parecer uma relação entre coisas, mas é, na verdade, uma relação social mediada pelo trabalho humano.

⁶ Alicerçada em pressupostos ideológicos clericais e aristocráticos, de sistemas dogmáticos e mitológicos que compreendiam a humanidade por meio da assimilação de ideias fixas, imutáveis e ligadas a uma mitologia cristã.

Assim, o conhecimento não se pode restringir ao que é visível no cotidiano/imediato, tal como advogam os empiristas, pois “toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (Marx, 2017, p. 768).

Observa-se que essa crítica marxiana se expressa de forma particularmente elaborada em obras como *Teses sobre Feuerbach* (1845) e *A Ideologia Alemã* (1846). Nesses escritos, Marx rejeita tanto o idealismo quanto o empirismo, propondo, em seu lugar, uma razão dialética que reconhece o trabalho humano como elemento central na produção da teoria revolucionária. Em síntese, o autor nos convoca a refletir:

A principal insuficiência de todo o materialismo até aos nossos dias - o de Feuerbach incluído - é que as coisas [der Gegenstand], a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sobre a forma do objecto [des Objekts] ou da contemplação [Anschauung]; mas não como atividade sensível humana, práxis, não subjectivamente (Marx, 1991, p. 1).

Por fim, nas considerações de Prates (2012), há o terceiro e último aspecto da teoria marxiana: o aspecto ontológico, dado pelos determinantes aportados pelo próprio objeto, que conformam as categorias explicativas da realidade social concreta. No materialismo histórico-dialético formulado por Marx e Engels, há uma ruptura radical com a tradição idealista ao afirmar a primazia não apenas do objeto, mas da vida material concreta sobre a produção de ideias do sujeito cognoscente.

Parte-se da concepção marxiana de que não são as ideias que determinam o ser, mas o ser que determina a consciência. Esse processo de interação entre a razão e o ser conforma o pensamento, as crenças, a linguagem e a própria consciência. Em síntese, as ideias são produto do humano, mas de humanos atravessados por determinadas condições materiais de existência, por meio da ação de sujeitos:

reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência não pode jamais ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real (Marx & Engels, 2009, pp. 90-91).

Marx nos ensina que toda elaboração espiritual, seja política, jurídica, religiosa ou filosófica, nasce de sujeitos históricos em ação recíproca. As ideias não nascem do puro

intelecto; elas se conformam na vida concreta e expressam valores, conflitos, interesses de classe etc. Nesse sentido, falar do aspecto ontológico da teoria marxiana pressupõe falar do trabalho como categoria central, pois é pela mediação do trabalho humano que se produz a humanidade, a saber:

Quando deu à dialética a configuração materialista necessária, Marx expurgou-a das propensões especulativas e adequou-a ao trabalho científico. Ao invés de subsumir a ontologia na lógica, são as categorias econômicas e sua história concreta que põem à prova as categorias lógicas e lhes imprimem movimento. A lógica não se identifica à ontologia, o pensamento não se identifica ao ser. A consciência é consciência do ser prático-material que é o homem (Gorender, 2013, p. 49).

Dessa forma, é importante reiterar que a escolha pelo método marxiano se baseia na premissa de que toda pesquisa, assim como qualquer ação humana socialmente determinada, constitui-se em um ato político. Como afirma Lefebvre (1966) “qualquer ato, num dado regime e numa dada estrutura de Estado, é político, direta ou indiretamente” (p.51). Deste modo, a opção pela teoria marxiana como orientação teórico-metodológica vincula-se ao compromisso de contribuir, a partir da produção do conhecimento, com alterações na realidade. Tal escolha expressa a adesão a um projeto societário humanamente livre em relação às relações de exploração, dominação e opressão, portanto:

O marxismo pretende ser essencialmente - e é - ‘a ciência da sociedade e da história’. Ora, este conhecimento científico da sociedade opõe-se direta e expressamente a certos ‘poderes estabelecidos’ – os que representam a burguesia e o capitalismo -; mostra que o seu domínio perde toda a razão de ser e que será substituído por uma organização nova, mais racional e mais livre, da sociedade (Lefebvre, 1966, p. 30).

Deste modo, pesquisas que se orientam por essa tradição intelectual buscam contribuir para a construção de mediações que permitam a superação da ordem social burguesa, a partir de uma crítica radical à legalidade do capital e às suas múltiplas manifestações. No contexto atual, marcado pela hegemonia neoliberal (Harvey, 2008), os desafios tornam-se ainda mais complexos para aqueles que se identificam com a razão crítico-dialética. Isso porque essa tradição teórica oferece mediações para uma análise

radical da realidade concreta, visando à emancipação humana. Como destaca Marx (2005), quem se propõe a utilizar o materialismo histórico-dialético “terá que se decidir a ascender do particular ao geral” (p.50). Nesse sentido, como afirmam Marx e Engels em *O Manifesto do Partido Comunista*:

os comunistas lutam pelos objetivos e interesses mais imediatos da classe operária, mas, ao mesmo tempo, representam no movimento atual o futuro do movimento. [...] Em suma, os comunistas apoiam em toda parte todo movimento revolucionário contra as condições sociais e políticas atuais. [...] Os comunistas não ocultam suas opiniões e objetivos. Declaram abertamente que seus fins só serão alcançados com a derrubada violenta da ordem social existente (Marx & Engels, 2009, pp. 64-65).

Cabe reiterar que a ofensiva empreendida pelos representantes da burguesia contra a teoria social crítica não é mero acaso. Tal embate ocorre justamente porque a tradição marxista aglutina um conjunto de elementos analíticos que não apenas desvelam as engrenagens da dominação, mas também carregam em si a denúncia incisiva e o esboço de um projeto ousado: extirpar da sociedade humana a lógica da produção orientada à obtenção de mais-valia (Ferreira & Santana, 2018).

Como nos alerta Lefebvre (1966), é desse poder subversivo que nasce a propaganda ardilosa, vestida de racionalidade e isenção científica, mas movida por um ódio dirigido a Marx e à sua teoria, que “se apresenta como exclusiva e simplesmente ‘científica’, com argumentos e provas ‘racionais’, e que apenas recorre à razão para se fazer compreender” (p. 30).

2. O Método e suas Categorias Fundamentais: totalidade, historicidade, contradição e mediação

Outro ponto de fundamental importância no método são as categorias fundamentais de sua constituição, nomeadamente: totalidade, historicidade, contradição e mediação, que possibilitam uma aproximação radical às determinações da realidade e, conseqüentemente, do objeto de estudo da pesquisa, situando-o na lógica do movimento da própria realidade.

Deste modo, inicia-se a discussão das categorias fundamentais pela totalidade, compreendida como “unidade do diverso, síntese de múltiplas determinações” (Marx, 2013, p. 14), pois, ao analisar a sociedade burguesa, segundo Marx, deve-se analisar:

primeiro a estrutura da sua população: como está dividida em classes e como está distribuída entre a cidade e o campo. Analisa-se a hidrografia, os diferentes ramos da produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias etc. Pode parecer um bom método começar pela base sólida do que é real e concreto, numa palavra, abordar a economia pela população, a qual constitui a raiz e o motivo de todo o processo é errôneo. A população reduz-se a uma abstração se, por exemplo, me alhear das classes que a compõem. Por sua vez estas classes não têm sentido se ignoro os elementos sobre os quais assentam, por exemplo, o trabalho assalariado, o capital etc. Estes supõem a troca, a divisão do trabalho etc. Se, como vemos, começa-se simplesmente pela população, teria uma visão caótica do conjunto. Mas se procedesse a uma análise cada vez mais profunda, chegaria a noções mais simples. Partindo do concreto de que me apercebera, passaria a abstrações cada vez mais sutis para concluir sobre as categorias mais simples. Neste ponto seria necessário voltar atrás e chegar de novo à população. Mas aqui já não teríamos uma ideia caótica do todo, antes um conjunto rico de determinantes e relações complexas. Historicamente, este é o primeiro passo da economia no seu nascimento (Marx, 1970, p. 37).

Na referida citação, Marx discute a importância de ir além do que aparece de forma imediata, ou seja, a “população”, que, nessa análise, embora pareça o ponto de partida, não pode ser considerada como tal. Para o autor, o movimento de análise deve ser o de decomposição da estrutura e dinâmica do objeto, com vistas a chegar às categorias mais elementares que estruturam a realidade. Desse ponto de vista emanam o que se denomina categorias fundantes, pois, no que se refere à totalidade, esta aparece quando Marx afirma que, ao iniciar pela população, corre-se o risco de cair numa visão caótica do todo.

A totalidade, no método marxiano, expressa-se pela articulação entre as múltiplas determinações que conformam o objeto (nesse caso, o trabalho, o capital, a troca, a divisão do trabalho), os quais, ao serem analisados dialeticamente articulados, permitem recompor a realidade aparentemente caótica como concreto pensado, síntese de múltiplas determinações. O caminho desse processo, nas palavras de Marx (1970), permitiria que, no

final da análise, não se tenha mais “uma ideia caótica do todo, antes um conjunto rico de determinantes e relações complexas” (p. 37).

Igualmente, a categoria da historicidade evidencia a postura histórico-crítica assumida pelo método, ao revelar o caráter não neutro da economia. Esta é compreendida como situada em condições concretas do desenvolvimento histórico da humanidade, refletindo o movimento contraditório da sociedade. Na perspectiva materialista-histórica, entende-se que a história se constrói a partir dessas condições concretas, sendo resultado das mediações e contradições próprias do processo social. Ademais, esse desenvolvimento histórico não ocorre de forma linear, abstrata ou idealista, mas é mediado pela ação recíproca dos sujeitos históricos que, em suas relações sociais, constroem a própria história, ainda que em condições adversas, como nos alerta o próprio Marx na obra *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (2011).

Nessa direção, a categoria contradição manifesta-se de forma implícita na relação entre capital e trabalho, uma vez que categorias como “trabalho assalariado” e “capital” só adquirem sentido quando compreendidas por meio de mediações ontológicas e reflexivas que revelem as relações de classe marcadas pela exploração, opressão e processos de luta social. Essa afirmação expressa-se na citação de Marx (1970), quando ele refere que “a população reduz-se a uma abstração se, por exemplo, me alhear das classes que a compõem” (p.37), em clara posição de que é fundamental uma visão da realidade que considere a luta de classes como motor da história. Afinal, “a história da sociedade, até os nossos dias, tem sido a história da luta de classes” (Marx & Engels, 2009).

Igualmente, a categoria de mediação perpassa toda a citação extraída do texto de Marx, pois ela se expressa pelo movimento do pensamento dialético do autor, o qual parte da população, decompõe a estrutura do objeto chegando a categorias como “capital” e “trabalho”, retornando ao estágio inicial com uma nova compreensão mediata do objeto de análise.

A mediação é, portanto, responsável pela articulação como totalidade concreta das categorias que articulam os diferentes níveis da realidade, tal como nos afirma Marx (1970): “se procedesse a uma análise cada vez mais profunda, chegaria a noções mais simples [...] neste ponto seria necessário voltar atrás e chegar de novo à população” (p.37). Essa volta à totalidade pela via do pensamento mediado é justamente o que distingue o

concreto pensado (teórico) do concreto aparente (empíria sem vínculo com as determinações).

Segundo Pontes (1999), a categoria de mediação ocupa um lugar central na apreensão da totalidade social, sendo responsável por articular as partes que a compõem e por permitir a transição entre os planos do imediato e do mediato. Essa concepção evidencia que a mediação não se restringe a um mero instrumento de análise, mas expressa uma natureza profundamente relacional, presente tanto na dimensão ontológica quanto na intelectual da realidade. Como afirma o autor, “a mediação é a categoria central da articulação entre as partes de uma totalidade complexa, e é responsável pela possibilidade da passagem entre o imediato e o mediato” (Pontes, 1999, p. 3). Ainda segundo ele, “as razões tocam-se através da categoria de mediação, que possui natureza intrinsecamente relacional, participando da dimensão tanto intelectual quanto ontológica do real e do racional” (p. 5), o que reforça a importância dessa categoria para uma leitura dialético-crítica da realidade e, conseqüentemente, de fundamental importância para a pesquisa social.

Desse modo, é possível afirmar que a teoria marxiana se fundamenta numa racionalidade que sustenta o movimento dialético contínuo da história, na qual o status quo pode ser superado por novas formas de sociabilidade. Nesse processo, a contradição de classes é compreendida como o principal motor histórico. Isso porque, como afirma Sartre (2019), “uma filosofia se constitui para dar expressão ao movimento geral da sociedade” (p. 9).

Ressalta-se, portanto, o caráter transitório dos fenômenos sociais e do conhecimento sobre eles na perspectiva marxiana, uma vez que esta nega concepções estáticas de razão e de realidade. Trata-se de um movimento articulado entre o singular, o universal e o particular, sendo este último compreendido como o campo das mediações concretas. Pode-se dizer que compreender o movimento ontológico requer a conexão dos fenômenos com a totalidade a partir da apreensão do conjunto de determinantes sociais, haja vista que, nessa tradição intelectual, acredita-se que os fenômenos não possuem uma única causa, mas são sínteses de múltiplas determinações.

Trata-se, portanto, segundo Prates (2020), de um método “que requer a reconstituição histórica, que parte da estrutura presente e volta ao passado, problematizando-o (regressivo) e, depois, retorna ao presente de modo superado (progressivo)” (p.4), pois “ao

longo do processo de desvendamento das contradições e da reflexão crítica, construiu novos conhecimentos, ressignificou processos e realizou novas sínteses” (p. 4). Nesses termos, nos orienta Kosik (2011):

A dialética da totalidade concreta não é um método que pretenda ingenuamente conhecer todos os aspectos da realidade; sem exceções, e oferecer um quadro ‘total’ da realidade, na infinidade dos seus aspectos e propriedades; é uma teoria da realidade e do conhecimento que dela se tem como realidade. A totalidade concreta não é um método para captar e exaurir todos os aspectos, caracteres, propriedades, relações e processos da realidade; é a teoria da realidade como totalidade concreta. Se a realidade é entendida como concreticidade, como um todo que possui sua própria estrutura (e que, portanto, não é caótico) , que se desenvolve (e, portanto, não é imutável nem dado uma vez por todas) , que se vai criando (que, portanto, não é um todo perfeito e acabado no seu conjunto e não é mutável apenas em suas partes isoladas, na maneira de ordená-las), de semelhante concepção da realidade decorrem certas conclusões metodológicas que se invertem em orientação heurística e princípio epistemológico para estudo, descrição, compreensão, ilustração e avaliação de certas seções tematizadas da realidade, quer se trate da física ou da ciência literária, da biologia ou da política econômica, de problemas teóricos da matemática ou de questões práticas relativas à organização da vida humana e da situação social (p. 36).

Nota-se, no desenvolvimento da teoria e do método marxiano, uma concepção que se distingue da noção de verdade total e absoluta na sua compreensão de totalidade e verdade. Apreende-se uma concepção de conhecimento que, ao partir da estrutura presente, a nega, ao ponto de não a aceitar como expressão natural do real ou da razão; ou seja, requer entendê-la como ponto de partida para o alcance da raiz do fenômeno. Desse ponto de vista, inicia-se pela investigação, a qual se apodera do elemento ontológico para reconstituí-lo historicamente, por meio da decomposição de sua estrutura e dinâmica, com vistas ao conhecimento de seus pormenores.

A historicidade é fundamental, pois, para Marx (1970), o concreto pensado “não é de modo algum o processo de gênese do próprio concreto, isto é, da forma como a própria

realidade se apresenta aos olhos do investigador” (p.38). Portanto, o concreto como concreto pensado só pode ser reproduzido pelo pensamento com a identificação das categorias contidas no movimento histórico de determinada realidade, e este só pode ser inteligível “sob a forma de relação unilateral e abstrata no seio de um conjunto concreto, vivo, e já determinado” (Marx, 1970, p. 39).

Por fim, afirma-se que o método não se reduz a um simples paradigma explicativo da realidade, mas constitui-se como parte intrínseca da relação entre sujeito e objeto de investigação.

3. O Critério de Verdade

Em síntese, deve-se considerar que o método crítico-dialético não se contenta com a superficialidade, pois parte de abstrações singulares, avança até as determinações mais universais para, então, retornar, em movimento inverso, ao ponto de partida, mas agora esse ponto já não é o mesmo, pois está enriquecido por múltiplas mediações que o conectam à totalidade social, sem que perca sua particularidade (Marx, 2005). Igualmente, parte-se do entendimento de que a produção do conhecimento deve assumir um caráter revolucionário, pois a missão histórica do proletariado não é outra senão a de destruir as bases do capitalismo e pôr fim à sociedade de classes (Marx, 2013).

Nesse sentido, para manter a coerência e o critério de verdade em um processo investigativo na pesquisa social, Marx distingue com precisão os métodos de investigação e de exposição. A exposição só é possível após o rigoroso processo de investigação, pois é este que revela o caminho pelo qual o objeto se manifesta. É a própria realidade quem determina o movimento do objeto e, por conseguinte, os caminhos pelos quais deve percorrer a análise do objeto de estudo do ponto de vista dos procedimentos metodológicos. Desta forma, tal como nos afirma Marx (2013):

É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade

pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori (p. 28).

Desse ponto de vista, pode-se observar que o método marxiano propõe um caminho de investigação que procura, por meio de sucessivas aproximações, a abstração dos diferentes fenômenos que compõem a complexa teia das mediações e determinações da vida social. Fenômenos esses que, mediados, conformam a realidade em sua totalidade concreta. Igualmente, a aproximação gradual à essência das coisas torna-se necessária porque tal essência não se revela de imediato ao olhar do sujeito. Sobre isso, Kosik (2011) nos esclarece que esse movimento se constitui como a negação da pseudoconcreticidade.

Nesse momento de superação da pseudoconcreticidade, Kosik (2011) alerta que o sujeito lança mão de sua razão para analisar o que, à primeira vista, parece uma realidade caótica. Para tanto, utiliza conhecimentos já existentes, frutos de experiências vividas pelo próprio pesquisador, os quais se transmutam em categorias de análise a priori no percurso investigativo. A essas, somam-se categorias a posteriori, que emergem no transbordar do próprio processo investigativo, sustentando as mediações necessárias à reconstrução do objeto de estudo.

Este processo de síntese devolve o pesquisador ao ponto de partida, ao concreto, mas não ao mesmo concreto inicial, aparentemente caótico e imediato. Retorna-se a um concreto pensado, totalidade mediada pela racionalidade crítica a partir de um método. Como afirma Kosik (2011), “o processo do abstrato ao concreto, como método materialista do conhecimento da realidade, é a dialética da totalidade concreta, na qual se reproduz idealmente a realidade em todos os seus planos e dimensões” (p.37).

Neste sentido, o ponto de partida é a própria realidade social, pois é nela que Marx encontra os elementos essenciais para a compreensão do Ser Social. As inquietações primeiras que moldaram o problema de pesquisa foram todas atravessadas pelas vivências concretas e pelas condições objetivas e subjetivas de existência do pesquisador. Diante de tais reflexões, consolida-se a concepção de que o método é um elemento central que atravessa todo o processo de investigação enquanto elemento ontoprático.

Acerca disso, em suas reflexões sobre o método dialético, Lefebvre (1966) pontua que “o próprio método não provém do espírito puro; formula-se a partir da experiência humana e, em dado momento do desenvolvimento social, reflete este desenvolvimento” (p.230). Assim, a exposição do objeto de estudo deve ocorrer em consonância com o

movimento da realidade, acompanhando o compasso do processo investigativo. Na perspectiva de Marx, cabe ao pensamento seguir tal compasso, refletindo-o fielmente, para então apresentá-lo como teoria: o concreto pensado, que retorna à realidade não mais como espelho, mas como farol, pois:

Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar este assunto, parte-se da consciência como sendo o indivíduo vivo, e na segunda, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e considera-se a consciência unicamente como sua consciência (Marx & Engels, 2009, p. 32).

Nessa direção, como sustentação da referida tese, está a premissa do materialismo histórico-dialético, qual seja: a estrutura social e política da sociedade é determinada de acordo com o nível de desenvolvimento das forças produtivas. Na concepção dos autores, “a produção de ideias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real” (Marx & Engels, 2009, p. 31). Igualmente, considera-se que, no processo de investigação, há uma unidade entre teoria e prática, pois é na prática que reside o critério de verdade, nas palavras de Marx (1991):

a questão de saber se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não-realidade do pensamento isolado da práxis – é uma questão puramente escolástica (p. 12).

Nesse sentido, compreende-se a posição de Marx ao considerar teoria e prática como uma unidade dialética, ressaltando que tal posição não implica a sobreposição de uma sobre a outra, mas uma unidade na diversidade. Na concepção do autor, trata-se de uma fundamentação do saber produzido que ocorre em função das atividades práticas, portanto, a partir de categorias ontológicas e não somente de categorias lógicas. Essa afirmação torna-se mais evidente quando Marx (1991) confronta o pensamento de Feuerbach:

Eis porque, em oposição ao materialismo, o aspecto ativo foi desenvolvido de maneira abstrata pelo idealismo, que, naturalmente,

desconhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis – realmente distintos dos objetos do pensamento: mas não apreende a própria atividade humana como atividade objetiva. Por isso, em ‘A Essência do Cristianismo’, considera apenas o comportamento teórico como o autenticamente humano, enquanto que a práxis só é apreciada e fixada em sua forma fenomênica judaica e suja. Eis porque não compreende a importância da atividade ‘revolucionária’, ‘prático-crítica’ (p. 12).

A célebre afirmação de Marx (1991) de que “todos os mistérios que levam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis” (p.14) expressa a longa e árdua batalha travada pelo pensamento humano em direção à racionalidade.

Desde o nascimento da filosofia ocidental na Grécia antiga, o homem ensaiou os primeiros passos para romper os grilhões da mitologia. Nos primórdios desse pensamento, os mitos, até então portadores do sentido último da existência humana, começaram a ser deslocados pela razão, que passou a buscar explicações no mundo sensível e não mais nas vontades insondáveis dos deuses. Esse processo, que inaugura a filosofia como crítica ao mito, não o elimina, mas o reconduz, em alguma medida, para o campo da experiência concreta, na medida em que a reflexão filosófica inicia uma racionalização sobre a origem e o princípio originário de tudo (Chauí, 2000).

A práxis, portanto, emerge como o novo campo onde as origens da existência, outrora mistificadas, passam a ser desveladas pelo trabalho, pela história e pela ação transformadora do sujeito social⁷. Sabe-se que a história da racionalidade humana não segue uma linha reta. Com o advento da Idade Média, a mitologia cristã, com suas doutrinas de culpa, salvação e dogma, reinstaurou uma forma renovada de misticismo, agora sob a hegemonia da Igreja. A fé, convertida em instrumento de dominação, demonizou o pensamento filosófico e condenou a dúvida como heresia. A razão foi colocada a serviço da teologia, e o mundo passou a ser interpretado não mais a partir da reflexão filosófica, mas da providência divina (Lukács, 2012; Chauí, 2000).

⁷ Há um salto histórico consciente, pois fala-se da origem da filosofia e, em seguida, faz-se referência a racionalidade dialética, bem posterior. No entanto, a ideia do texto é referir a razão crítico-dialética como um momento de maturação desse processo que denominei de “luta pela razão humana”.

No contexto de superação do feudalismo e ascensão da modernidade, houve um grande esforço teórico-filosófico e político para construir um pensamento capaz de ir contra a mistificação da realidade, que oculta o real sob a aparência do eterno e imutável. Contudo, parte dos pensadores modernos tornou-se ideólogo da burguesia (Coutinho, 2010), num movimento de irracionalismo e retrocesso da teoria e da razão humana, em detrimento da busca da verdade e da essência da matéria.

É a partir desses pressupostos históricos, políticos e filosóficos que Marx constrói sua teoria crítica. Ao afirmar que os mistérios só se resolvem na práxis, ele nos convoca à reflexão a partir de categorias como trabalho, história e contradição, pois a teoria, quando dissociada da vida concreta, esvazia-se de sentido e dá lugar ao misticismo. A práxis, por outro lado, é ontológica e reflexiva, pois integra a razão e o trabalho como elementos heurísticos fundamentais para a crítica do mundo moderno.

Desse ponto de vista, em Marx, a razão não se reduz a mero exercício de abstração, sendo antes uma das capacidades fundamentais do ser humano para a construção de um projeto histórico de emancipação. Parte-se do entendimento de que a capacidade de pensar possibilita à humanidade atribuir sentido à vida e desenvolver processos concretos de transformação do mundo. Afinal, é por meio do trabalho (enquanto necessidade essencial, fundante e eterna do ser social) que o humano constrói tudo aquilo que existe no mundo como síntese de sua práxis.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho configuram-se como uma síntese teórica e analítica acerca dos fundamentos do método em Marx e de seu lugar na pesquisa social. Trata-se, portanto, de contributos de natureza não empírica, produzidos a partir de uma revisão bibliográfica, que buscou sistematizar as suas categorias fundamentais, pressupostos ontológicos e reflexivos, assim como os critérios epistemológicos constitutivos do método marxiano, evitando sua redução a mero procedimento metodológico circunscrito à produção acadêmica.

Nesse sentido, os resultados teóricos aqui apresentados reafirmam o caráter ontológico, dialético e revolucionário da tradição marxiana, evidenciando que a compreensão do método como mediação do real é fundamental para o enfrentamento da tendência contemporânea de esvaziamento do pensamento crítico, especialmente em um

contexto marcado pela hegemonia do neoliberalismo e pela intensificação da racionalidade pragmática e instrumental.

Ao percorrer os eixos analíticos propostos, o ensaio buscou demonstrar que a centralidade do método crítico-dialético reside em sua capacidade de articular a concepção de totalidade, as categorias da historicidade, contradição e mediação, bem como o critério de verdade fundado na unidade entre teoria e prática. Esses elementos, compreendidos de forma articulada, constituem elementos imprescindíveis para a produção de um conhecimento comprometido com valores emancipatórios e de crítica às formas de dominação e exploração próprias da sociabilidade capitalista.

Por fim, reconhece-se que a discussão aqui sistematizada não se encerra em si mesma, mas aponta para a necessidade de sua continuidade no campo da pesquisa social. Reafirma-se, assim, a imprescindibilidade da unidade entre teoria e prática, uma vez que, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, a teoria não se limita à interpretação do mundo, mas se orienta para a transformação da realidade social, assumindo o horizonte da construção de uma forma de sociabilidade fundada na igualdade substantiva e na superação de todas as formas de dominação e exploração.

Referências bibliográficas

- Chauí, M. (2000). *Convite à filosofia* (7th ed.). Ática.
- Coutinho, C. N. (2010). *O estruturalismo e a miséria da razão* (2ª ed., com posfácio de J. P. Netto). Expressão Popular.
- Ferreira, B. de J. P., & Santana, J. V. (2018). A dialética conhecimento/transformação do mundo no legado marxista. *Argumentum*, 10(2), 70-83.
<http://10.18315/argumentum.v10i2.19534>
- Gorender, J. (2013). Apresentação. In K. Marx. *O capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital* (R. Enderle, Trans., 2ª ed., pp. 20-55). Boitempo.
- Harvey, D. (2008). *O neoliberalismo: história e implicações*. Loyola.
- Kosik, K. (2011). *Dialética do concreto*. Paz e Terra.
- Lefebvre, H. (1966). *Para compreender o pensamento de Karl Marx*. Edições 70.
- Lukács, G. (2012). *Ontologia do ser social: O trabalho*. Boitempo.
- Marx, K. (1970). *O método na economia política*. Editorial Progresso.

- Marx, K. (1991). Teses sobre Feuerbach. In K. Marx & F. Engels. *Obras escolhidas* (2ª ed). Civilização Brasileira.
- Marx, K. (2005). Introdução à crítica da economia política. In K. Marx. *Textos escolhidos* (pp. 187-216). Nova Cultural.
- Marx, K. (2011). *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (N. Schneider, Trans.; H. Marcuse, Introdução). Boitempo.
- Marx, K. (2013). *O capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital* (2ª ed.). Boitempo.
- Marx, K. (2017). *O capital: Crítica da economia política. Livro III: O processo global da produção capitalista*. Boitempo.
- Marx, K., & Engels, F. (2009). *A ideologia alemã* (Á. Pina, Trans.). Expressão Popular.
- Netto, J. P. (1999). A construção do projeto ético-político contemporâneo. In *Capacitação em Serviço Social e Política Social* (Módulo 1). CEAD/ABEPSS/CFESS.
- Pontes, R. N. (1999). A categoria de mediação em face do processo de intervenção do Serviço Social. *Cadernos Técnicos*, 23, 60-68.
- Prates, J. C. (2012). O método marxiano e o enfoque misto na pesquisa: Uma relação necessária. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 11(1), 116-128. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/11647>
- Prates, J. C. (2020). A fundamentação marxiana para a formação e trabalho do Assistente Social no Brasil. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 19(2), e39639. <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2020.2.39639>
- Sartre, J.-P. (2019). *Questão de método: Marxismo e existencialismo* (B. Prado Júnior, Trans.). Nova Cultural.